



1) — Ainda no primórdios da filosofia, Aristóteles NA SUA Metafísica, Livro Γ, propõe a primarização do ser enquanto ser como saber filosófico por excelência. A superação da dialética sofística como método filosófico é ~~superada~~ feita a partir do desenvolvimento de sua Lógica Formal, tendo por base o silogismo. Para tanto, Aristóteles concebe um cosmos racionalmente organizado, no qual seus entes são apreendidos, em sua essência, pelo logos a partir de um processo de adequação da RAZÃO aos objetos racionalmente organizados. Tal processo de conhecimento é conhecido como adequatio.

Com a modernidade, ocorre uma virada epistemológica do objeto externo para a mente. Berkeley é, sem dúvida, o representante maior do idealismo, no qual todo ^é qualquer realidade existe NA mente. Junto a ele, Descartes, buscando bases seguras para o conhecimento, evidenciou a verdade da existência do COGITO e a ideia inata de Deus como garantia de todo o conhecimento, inclusive do mundo externo. David Hume, no entanto, rompe com a tradição clássica, a qual crê haver objetos externos do conhecimento, e preconiza NÃO só que todo o conhecimento se baseia NA experiência, MAS que toda a realidade é constituída de impressões. As ideias, sendo cópias das impressões, ~~existem~~ são menos vividas com relação a estas (afetos / sentimentos) e sensações. O "eu" constitui-se em um fluxo de impressões. A memória reproduz e organiza temporalmente ^{e espacialmente} as impressões em ideias simples e estas ~~são~~ ~~organizadas~~ tornam-se complexas NA imaginação pelos princípios de semelhança, contiguidade e causalidade. Por conseguinte, a relação de causa e efeito não se verifica nos objetos ou NA mente como ideia inata, mas é constituída pelo hábito através dos recuos da memória e da imaginação.

Quino, como podemos constatar pelo texto acima, considera esta última posição epistemológica a de Hume, e a concebe como geradora, assim como o ~~construto~~ construto teórico da ciência, para assegurar - nos conhecimento Berkeley por sua vez, assume a existência de uma substância, de um objeto que perdura, o espírito/mente, o qual é a base de todo conhecimento.

2) Dentro do cenário do positivismo lógico, no apogeu da alteridade das ciências naturais, com relação às ciências humanas e sociais, como altamente creditáveis em seu contorno científico, alguns teóricos da exata de Frankfurt lutam para garantir a autonomia metodológica das ciências sociais, bem como evitam seu reducionismo a esquemas conceituais ~~para~~ mecanicistas. Em especial, Adorno e Horkheimer empreendem uma crítica severa aos pressupostos de tais esquemas teóricos, os quais são ideologicamente assegurados pela indústria cultural, oriunda do sistema capitalista.

A preocupação se justifica em não reduzir o fenômeno social a números, cálculos e assertivas analíticas ou a juízo de valores ~~de~~ factuais de verdade ou falsidade, MAS em compreendê-los, sobretudo, e explicá-los nos termos de sua natureza própria.

É notória a discussão teórica empreendida entre Popper e os pensadores da exata de Frankfurt na iminência da ameaça crescente de instrumentalização da razão e ~~construto~~ da redução e desumanização de fenômenos humanos à visão lógico-analítica. Adorno, ~~teórico~~ teórico adepto da exata de Frankfurt, engendra sua crítica a indústria cultural



3) é a hegemonia da ciência e tecnologia e de seu discurso no âmbito da educação. Para Adorno, o processo educativo em respeito ao florescimento e amadurecimento ~~da~~ ~~capacidade~~ ~~de~~ capacidade intelectual do educando, a qual se dá em própria reflexão do processo, de modo crítico. A preocupação com metas, resultados e a quantificação do rendimento escolar do educando denuncia a otimização do processo educativo como característica do 'pensar cientificista' próprio da esquema conceitual de uma sociedade tecnologicamente orientada para o mercado. Produzir trabalhadores para o mercado, altamente competentes, em detrimento do desenvolvimento cognitivo pleno do educando ~~se~~ constitui-se na única orientação possível para uma sociedade massivamente tecnologicizada. A fim de evitar a identificação de tal lógica com o processo educativo, Adorno propõe a dialética - e mesmo a dialética - como forma privilegiada de desenvolvimento do debate de ideias, e, por conseguinte, como instrumento mais apropriado ao desenvolvimento crítico/reflexivo do educando em torno de suas próprias necessidades cognitivas e em detrimento de sua sujeição aos esquemas de dominação e formação de discursos vigentes nas escolas, a favor de resultados e méritos.